

Artificial da Caixa de Fósforos

A1, 20 metros

Localização: Caixa de Fósforos, Face Leste, Teresópolis - RJ

Conquistadores: Sylvio Joaquim Mendes, Índio do Brasil Luz, Jahir Leopoldino da Costa,

em 03/02/1944

Vias clássicas do CERJ

Fevereiro de 2024

A Caixa de Fósforos, também conhecida como Pedra dos Milagres, é uma pequena formação rochosa, com cerca de 20 metros de altura, localizada na região dos Três Picos, em Teresópolis, em uma área conhecida pelos escaladores como Salinas. Sua conquista, que completou em fevereiro 80 anos, foi um evento emblemático para o recém-criado CERJ, recebendo, inclusive, menção nos jornais da época.

Fato curioso é que, nessa conquista, os escaladores do CERJ fizeram apenas dois furos na rocha, um para instalarem uma pequena cruz em seu topo; e um outro onde foi fixado, de acordo com o relato da conquista, “*um prego no qual amarramos uma corda que muito facilitará as futuras investidas*”. Sendo assim, no final dos anos 1960, os escaladores do CERJ voltaram à Caixa de Fósforos para instalarem uma via artificial no local. A primeira investida, em 1967, ficou apenas no início. Dois anos depois, contudo, no dia 17 de fevereiro de 1969, outra equipe do CERJ, dessa vez composta por Carlos Alberto Carrozzino, Giuseppe Pellegrini, José Luis Barbosa da Silva e Waldinar Santos de Menezes, o Vavá, fizeram a instalação completa desse artificial. Pellegrini, no livro GIUSEPPE PELLEGRINI: UMA VIDA NAS ALTURAS, de Marcos Eduardo Soares, modestamente diz que:

Na Caixa de Fósforos conquistamos uma face, uma pedra de cerca de 15 metros de altura com uma parede de 90 graus que parece mesmo uma caixa de fósforos pois é tipo um paralelepípedo. Só se subia nela jogando uma corda por cima. Portanto, não considero uma conquista. Foi mais uma brincadeira, vamos dizer assim.

Em 2018, Pedro Bugim e Waldecy Lucena fizeram uma reforma da via, removendo grampos e chapas enferrujados e instalando chapeletas novas.

POR QUE É UMA CLÁSSICA?

A conquista da Caixa de Fósforos foi, antes de tudo, um feito emblemático do CERJ, quando o clube tinha apenas alguns poucos anos de vida. À época, havia relatos de que outros escaladores já tinham tentado a conquista, sem sucesso, valorizando ainda mais essa primeira ascensão, que foi levada a cabo em três dias, tal o grau de dificuldade



Foto: Marcelo Benhami

A Caixa de Fósforos é uma curiosa formação que se equilibra no alto de um enorme promontório rochoso, a 1750 metros acima do nível do mar.

da tarefa. Outro aspecto que pesa a favor da via é o fato de ela continuar sendo escalada com frequência, mesmo passados 80 anos desde que Sylvio Mendes pisou pela primeira vez em seu cume. Isso sem contar a beleza cênica do local.

DESCRIÇÃO

O primeiro grampo da via está a cerca de 2,5 metros do chão, em um lance negativo. Laçar o grampo, usar

um *clip stick* ou subir nas costas de outro escalador são algumas opções para alcançá-lo. A segunda proteção também não é simples, visto que o estribo pode balançar e girar com a movimentação do escalador. Vencido o negativo, o escalador já tem o apoio da parede e as proteções estão bem próximas, tornando a escalada mais fácil à medida em que se avança. A via segue uma linha óbvia para a esquerda e ao final já é possível dar algumas passadas em livre. No cume, há uma parada dupla, em chapeletas novas, colocadas na reforma de 2018. [Leia o relato de Carla Romão na página 4]. É preciso cuidado na hora da descida para não pendular e rapelar em direção ao despenhadeiro.

APROXIMAÇÃO

A trilha para a Caixa de Fósforos começa no colo entre o Capacete e o promontório em que a própria se encontra. Desse modo, pode-se tanto partir do Vale dos Frades, de um lado da montanha - caminho mais longo, mas menos íngreme -, quanto do Vale dos Deuses, do outro lado - mais curto, porém mais inclinado. Seja como for, o escalador há de chegar na entrada da trilha propriamente dita, que é bem sinalizada e tem pouco mais de 600 metros, com cerca de 200 metros de ganho de altitude. Fique atento, pois há um trecho de via ferrata, após o qual se encontra um belo mirante, de frente para o Pico Maior e a via Sylvio Mendes - outra conquista emblemática do CERJ. Ao final dessa trilha, há uma

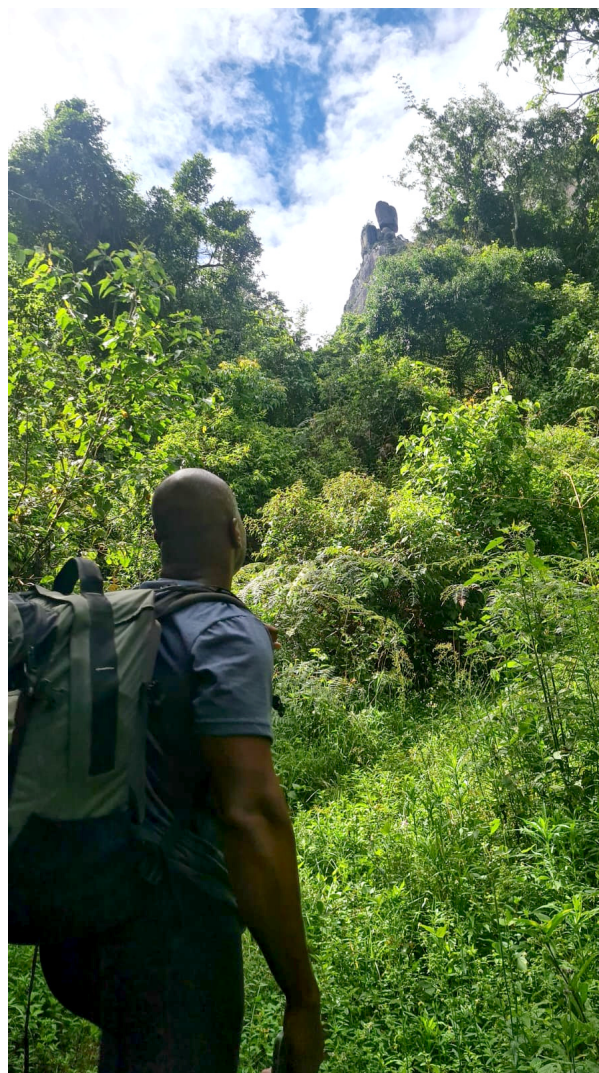


Foto: Marcelo Benhami

Xandão observa a Caixa de Fósforos a partir da trilha de acesso. Mesmo para aqueles que não pretendem escalar, a vista da região é espetacular.

EXPEDIENTE

CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO (Biênio 2024-2026)

Presidência: Marcelo Gerson Pessoa de Matos

Vice-Presidência: Miriam Gerber

Secretaria: Anabel Ferreira Vaz e Giseli Baena

Tesouraria: Mônica Esteves e Carlos Mattos

Diretoria Social: Sandra Maria Rebelo de Almeida e Thatiana Marques Waldman

Diretoria Técnica (DT): Carla de Oliveira Romão

Auxiliares da DT: Thiago Gabriel de Araujo e Charles Diniz

Diretoria de Comunicação: Alexandre Gomes da Costa e Yvie Carolinne Medeiros Barcellos

Diretoria de Ecologia: José Henrique Menescal Fabrício, Bruno Waldman e Roberto Schmidt de Almeida

PROJETO VIAS CLÁSSICAS DO CERJ

Texto: Igor Costa

Texto "Pequena Grande Notável": Carla Romão

Croqui: Alexandre 'Xandão' Gomes e Marcelo 'Magal' Matos

Agradecimentos: A Carlos Carrozzino, Waldecy Lucena e à toda equipe do CERJ que fez a invasão do aniversário de 80 anos da via acontecer: Carla Romão, Marcelo Benhami, Alexandre 'Xandão' Gomes, Mariozinho Richard, Miriam Gerber, Solange Conde, Igor Costa, Elisa Fernandes e Yvie Barcellos.

descida que leva a uma pequena chaminé. Após essa chaminé, chega-se à base da Caixa de Fósforos. O tracklog junto ao croqui termina na base dessa chaminé.

VÍDEO COMEMORATIVO

No dia 03 de fevereiro de 2024, em comemoração aos 80 anos de conquista da Caixa de Fósforos, o CERJ promoveu uma excursão até ela a fim de homenagear esse grande feito do clube. Nesse dia ensolarado, certamente abençoado pelos conquistadores, o artificial foi escalado mais uma vez e o clube elaborou um vídeo comemorativo desses 80 anos. Ele está disponível no Canal do CERJ no Youtube e pode ser acessado pelo QR Code abaixo. Não deixe de assistir, pois as imagens são lindas.

VÍDEO COMEMORATIVO DOS
80 ANOS DA CONQUISTA



Artificial da Caixa de Fósforos - A1, 20 metros

Caixa de Fósforos, Face Leste, Teresópolis – RJ

Conquistadores:

Sylvio Joaquim Mendes, Índio do Brasil Luz, Jahir Leopoldino da Costa
03/02/1944

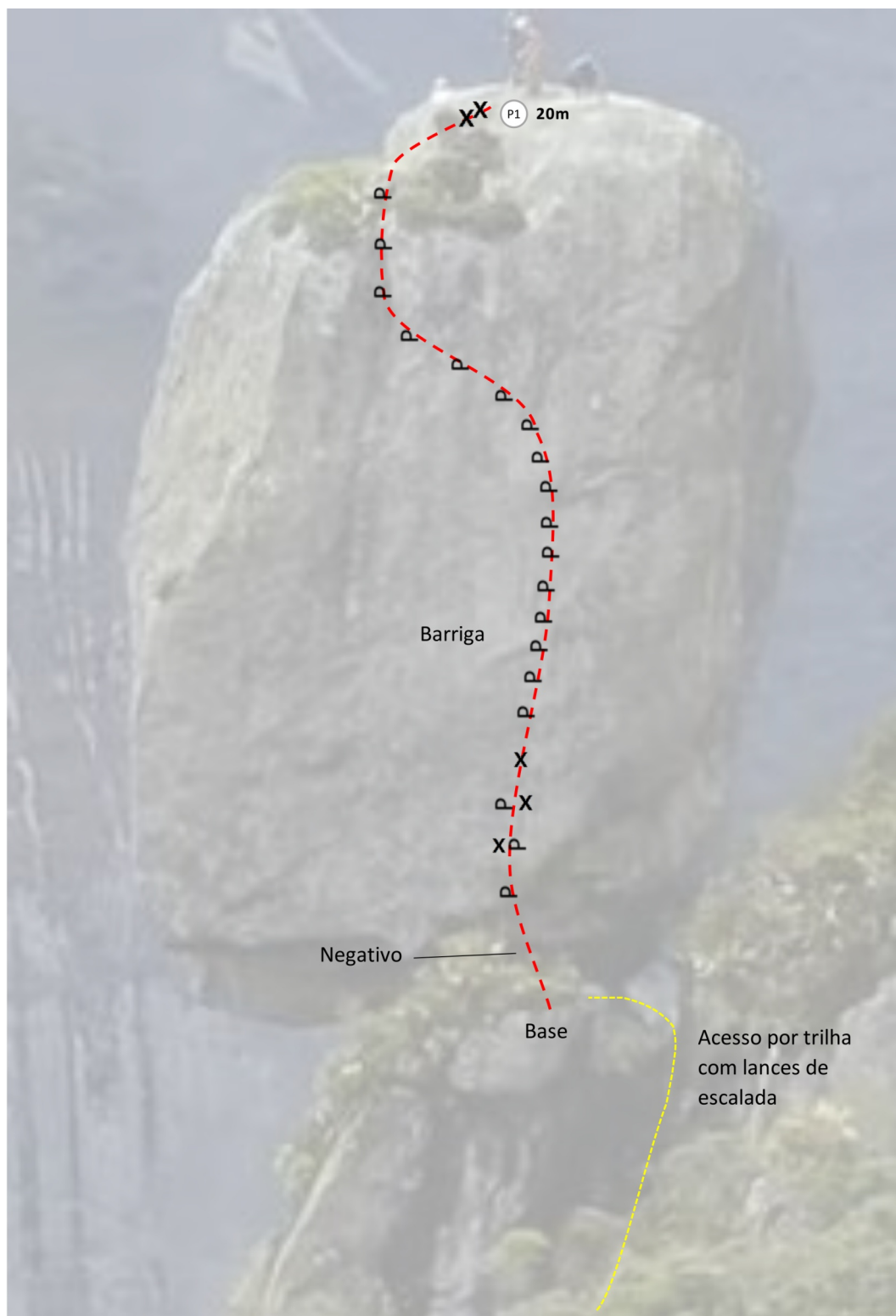
Equipamentos:

Corda de 60 metros
Costuras diversas
Fitas e/ou estribos

Legenda:

P Grampo de aço carbono
X Chapeletas rapeláveis

TRACKLOG DE
APROXIMAÇÃO



A Caixinha de Fósforos é uma daquelas pequenas grandes notáveis, se destacando no meio de um belíssimo vale, morada de montanhas incríveis e de escaladas icônicas, sendo o artificial para chegar a seu topo uma delas. Qualquer pessoa, ao chegar em sua base, fica admirada com aquela linha de grampos (agora mesclada com chapas) que fazem uma linha bem marcada na pedra, sendo somente através dele que se chega ao cume.

Como artificial, poderíamos cogitar uma baixa dificuldade técnica, além da necessidade de manusear material, mas o que torna a via que acessa o cume da caixinha icônica é justamente o seu início: chegar ao primeiro grampo, distante da base cerca de dois metros e meio e em um lance negativo. Após conseguir costurar o primeiro grampo, torna-se necessário dominar o estribo e as voltas que ele dá no negativo para chegar nesse grampo e, assim, costurar o segundo, ainda não tão tranquilo, pois seus pés ainda estão no negativo.



Foto: Marcelo Benhami

Carla Romão guiando o artificial da Caixa de Fósforos durante a invasão de comemoração dos 80 anos da conquista, em 03 de fevereiro de 2024.

reta faz uma curva para a esquerda, sinalizando o seu fim. As proteções seguem bem próximas umas das outras e isso torna esse trecho mais rápido de se escalar.

No total, a via conta com 20 proteções mais a parada dupla. Logo, é necessário bastante material.

Chegar ao cume é emocionante. Ver aquele pequeno cume, rodeado de grandezas e imerso em um vale verde, é extasiante. Não tem como não querer chorar. E fazer isso nos 80 anos da conquista

Ver aquele pequeno cume, rodeado de grandezas e imerso em um vale verde, é extasiante. Não tem como não querer chorar.

Quando se sobe para o segundo grampo, as coisas melhoram, pois não há mais o negativo. A via, porém, tem duas barrigas que são mais delicadas de se chegar, mas as proteções já estão bem perto uma da outra, facilitando esses lances.

Após um tempo, a via que seguia em linha quase

realmente não tem preço, ficará marcado na minha história pessoal. Compartilhar esse momento com o pessoal do clubinho também não tem preço. A energia que nos envolve na montanha é algo mágico!

Valeu CERJ! Valeu Caixinha de Fósforos!!!

Partimos da Estação Barão de Mauá no trem das 6/55 hs., do dia 29 de Janeiro, rumo a Teresópolis, onde chegámos, precisamente às 10 horas, após uma viagem normal e cheia de contentamento.

Como só tivéssemos condução às 15 horas, para prosseguir, arriámos nossas bagagens, e fomos rodar pela linda cidade serrana. À hora prevista

o ônibus partiu e na localidade denominada Venda Nova passamos a noite em casa de uns parentes.

O dia 30, domingo, amanheceu belíssimo e após prepararmos nossa bagagem e arrear a tropa, partimos sob os votos de bôa viagem e um melhor regresso coroado de êxito.

Cobrimos uma etapa de três leguas até que num armazém fizemos ligeiro almoço, para às 15 hs. seguirmos caminho e enveredarmos por uma serra que parecia não ter fim. Sem fim, também, eram as nossas imaginações e os projetos ue fazíamos de desencantar a "Pedra dos Milagres" até então jamais alcançada pelo homem. Fazíamos mil projetos e estávamos ansiosos de tomar contácto com a Pedra dos Milagres: queríamos conquistá-la.

Chegámos às 18 horas, no local escolhido para acampamento. A distribuição dos serviços foi feita: um foi buscar água, outro cortar lenha, enquanto o último armava o acampamento. Momentos depois um grupo de moradores veio nos visitar. Um deles trazia um bandolim que muito alegrou o acampamento. Déram-nos as bôas vindas e ofereceram-nos os seus préstimos.

O dia 31 amanheceu bom e assim, com grande animação, após enchermos os nossos embornais e visoriar o material técnico necessário, partimos rumo à Pedra que era o nosso objetivo. Às 10hs., estávamos encostados a ela e até 15.30 nada havíamos conseguido. Como se tivesse armado fortíssimo temporal, apres-sámo-nos a chegar ao acampamento.

O dia seguinte - dia 1, amanheceu ensolarado e nova investida foi realizada. No entanto, nada mais se conseguiu além do que se tinha feito no dia anterior - uma corda já fixada em certo trêcho. Às 15 horas já

É voz corrente que "muita gente bôa" não conseguiu subir à Pedra mesmo equipada com os melhores artificios e guias de renome. Por essa razão o contentamento dos moradores é grande ao afirmar que a nós três do C.E.R.J., pertence a primazia da escalada.

estávamos esfalfados e retornámos ao acampamento. Antes de dormir, reunimo-nos para discutir a parte técnica da almejada escalada e o mais moço do grupo, o mais destemido, resolveu que havia de grimpar a Pedra no dia seguinte, custasse o que custasse.

Dia 2 - partimos novamente refeitos da refrega do dia anterior.

Não tínhamos muita confiança na corda que enlaçava ligeira calosidade da enorme ferruga milagrosamente equilibrada. Resolvemos, então, cortar um grande páu que a muito custo conduzimos para ali, afim de auxiliar a retesar a corda. Sylvio Mendes, fortemente preso pelo cinturão de segurança, consegue agarrar-se à corda já suspensa, mais parecendo tênue teia de aranha. Índio do Brasil prepará-se para fotografar o

Acervo do CERJ



Sylvio Mendes posa ao lado da cruz que foi posta no cume, na qual figuram a flâmula do CERJ e um pano branco, "para ser visto de longe".

EXCURSIONISMO

Escalada, pela primeira vez, a "Pedra dos Milagres", em Friburgo — Autores do feito três montanhistas do C. E. R. J.

Em Friburgo é muito conhecida a "Pedra dos Milagres" ou "Pedra Caixa de Fósforos", devido a sua bizarra conformação. São seus vizinhos os famosos "Três Picos".

Tem a "Pedra dos Milagres" altitude aproximada de 1.800 metros e a escalada do seu cume vinha sendo tentada, há anos, por montanhistas experimentados, sem, todavia, lograrem sucesso.

Finalmente, os jovens Silvio Mendes, Índio do Brasil e Jair Costa, associados do Club Excursionista Rio de Janeiro, ex-Club Brasileiro de Excursionismo, conseguiram, em princípios do mês de fevereiro, à custa de ingentes esforços, chegar até o cume da "Pedra Caixa de Fósforos".

Levada a façanha a bom termo, apresentaram os destemidos montanhistas o seu relatório ao Departamento Técnico da C. E. R. J., do qual damos abaixo um

zendas mais próximas vivas ao grupo.

Dois furos foram feitos, um para a fixação do cruzeiro e outro para um prego no qual amarramos uma corda que muito facilitará as futuras investidas. Lá deixamos ainda os nossos nomes e a data gravados, após constatarmos não haver nenhum indício comprovante de terem estado ali outros exploradores.

As 13 horas descemos serra abaixo para no acampamento recebermos os primeiros abraços dos moradores locais.

É voz corrente que "muita gente boa" não conseguiu subir a Pedra mesmo equipado com os melhores artificios e guias de renome. Por essa razão o contentamento dos moradores é grande ao afirmar que a nós três do C. E. R. J. pertence a primazia da escalada.

Ao chegarmos em Venda Nova a vitória já era conhecida e fomos recebidos com carinho e aplausos."

Excerto do Jornal A Noite, de 01 de Março de 1944, noticiando o feito dos escaladores do CERJ ao conquistarem, finalmente, a Caixa de Fósforos.

lance sensacional e Jair Costa, de posse da grande haste, procura diminuir o seio que a corda fazia em volta da Pedra. O escalador agárria-se à rocha como uma lagartixa e sobe lentamente até que em dado momento, desaparece de nossas vistas assim continuando por 15 minutos. Estávamos assustados e atentos pelo que viesse a acontecer, quando inesperadamente ouvimos dois tiros. - Era o nosso companheiro que acabava de grimpar a "Caixa de Fósforos". Na mão direita tinha um pano branco para ser visto de longe, na outra, a flâmula do Clube Excursionista Rio de Janeiro. Num cruzeiro de 1,50 m. de altura hasteou êsses dois símbolos ouvindo-se dos terreiros das fazendas mais próximas vivas ao grupo
TRES MOSQUETEIROS.

Dois furos foram feitos, um para a fixação do cruzeiro e outro para um prego no qual amarramos

uma corda que muito facilitará as futuras investidas.. Lá deixamos ainda os nossos nomes e data gravados, após constatarmos não haver nenhum indício comprovante de terem estado ali outros exploradores.

Às 13 horas descemos serra abaixo para, no acampamento, recebermos os primeiros abraços dos moradores locais.

É voz corrente que "muita gente boa" não conseguiu subir à Pedra mesmo equipada com os melhores artificios e guias de renome. Por essa razão o contentamento dos moradores é grande ao afirmar que a nós três do C.E.R.J., pertence a primazia da escalada.

Ao chegarmos em Venda Nova a vitória já era conhecida e fomos recebidos com carinho e aplausos de parentes e amigos.

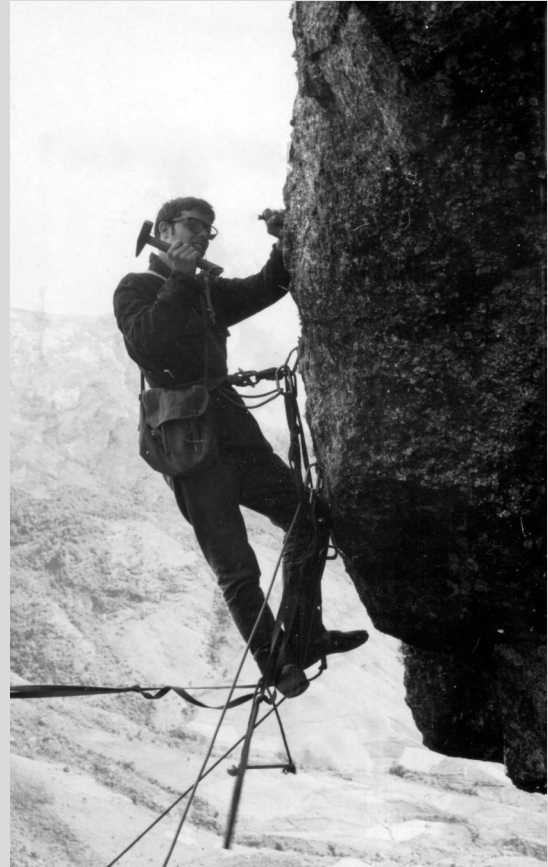
ONDE, AFINAL, FICA SALINAS?

A Caixa de Fósforos fica localizada na região de Salinas, mas, se você for procurar no mapa por esse lugar, certamente parará na localização errada, vários quilômetros depois dos Três Picos e bem longe do local das clássicas escaladas que todos procuram. Isso ocorre porque, como nos informa André Ilha, em seu livro POR UM TRIZ, "apenas os escaladores chamam esse lugar por esse nome" e ninguém sabe ao certo por que é assim.

Jean Pierre Von der Weid, no livro HORIZONTES VERTICAIS, porém, dá uma explicação. Segundo ele:

Nos tempos em que era de chão a estrada entre Teresópolis e Friburgo, uma seta, logo depois do Barracão dos Mendes, apontava uma bifurcação. 'Salinas', a seta dizia, e nós tomávamos aquele caminho adotando o nome errado para o lugar certo.

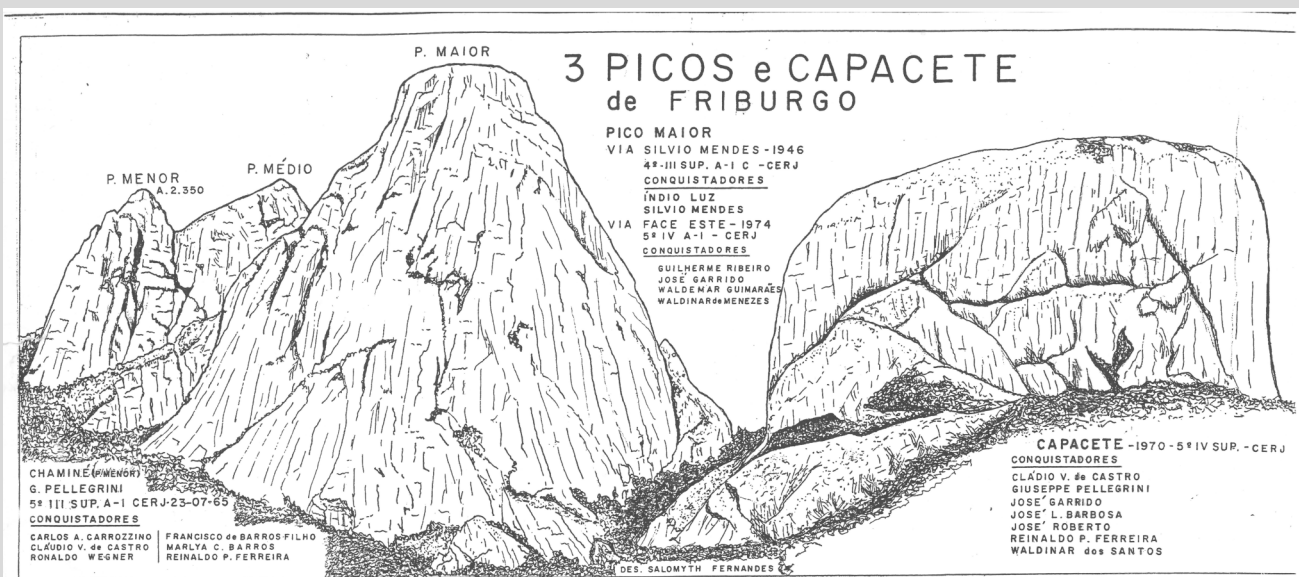
Fato é que o nome pegou e a comunidade de escaladores do Rio de Janeiro e até de outros estados se refere ao lugar como Salinas. E Salinas é um dos grandes complexos de escalada do Brasil, possuindo vias clássicas e incríveis. E muitas delas são conquistas do CERJ, clube pioneiro, junto ao CEB (Centro Excursionista Brasileiro) em explorar a região, ainda nos anos 1940. É primazia do CERJ nessa área não só a conquista da Caixa de Fósforos, em 1944, mas também a conquista do Pico Maior de Friburgo, pela via Sylvio Mendes, em 1946; a conquista da Chaminé Pellegrini, em



Acervo pessoal de Waldecy Lucena

Cláudio Leuzinger bate um grampo na Caixa de Fósforos em 1967. O CERJ foi pioneiro na exploração de Salinas.

1965, no Pico Menor; a conquista do Capacete, pela via CERJ, em 1970; e a conquista da Leste do Pico Maior, em 1974, considerada uma das 50 vias clássicas do país.



Desenho de Salomyth Fernandes dos Três Picos de Friburgo e do Capacete, antigamente chamado de Capacete de Aço, que homenageia as grandes conquistas do CERJ na região de Salinas.